

AS FILHAS DE SAFO: AMOR E HOMOSSEXUALIDADE À LUZ DA PSICANÁLISE

Ivanildo da Silva Santos (PPGL/UFPB)

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues (UFPB)

Resumo: A psicanálise, ao examinar as razões do amor, indica, de maneira, esquematizada, o que os filósofos e poetas já sabiam: o amor é uma felicidade indizível. Nossa compreensão do amor foi moldada pela cultura. Assim, propomo-nos examinar o conto *Primeiras Vezes*, escrito por Natalia Borges Polezzo, cujo enredo centra-se numa moça e seu desejo amoroso pelo mesmo sexo. Seu comportamento busca a extraordinária sensação de abraçar o estranho, como o enigmático caminho da descoberta de si, livre de opressões e imposições. O amor mostra-se como o álibi para a concretização do desejo. Almejamos identificar os percursos, de modo a compreender os signos que cercam o desejo, gozo e amor da protagonista. Para tanto, recorreremos aos estudos de Sigmund Freud (1920), Betty Milan (1983) e Jean Bellemin-Noel (1978).

Palavras-chave: Psicanálise; Literatura, Sexualidade

INTRODUÇÃO

A literatura ocidental introduz os lugares do discurso: o do amante e do amado, representando a linguagem solitária do sujeito amoroso. O conhecimento psicanalítico, por sua vez, confronta-nos com o Outro, ao qual dirigirmos o amor: um vínculo amoroso que fornece respostas mais adequadas em comparação àquilo que encontramos no cotidiano. Sendo assim, verificamos a influência do imaginário sobre os significados atribuídos ao amor. No discurso moralista sobre o amor, podemos notar as imposições colocadas às mulheres e sua sexualidade.

Mas o que é o amor? Como se inscreve em nosso consciente? São algumas das questões que nos propomos a dialogar durante este trabalho. Delinear um traço em torno de alguns pontos importantes sobre a construção do mito do amor em nossa sociedade é relevante para entendermos, como os padrões de moralidade foram determinantes para validar ou não uma forma de amar em detrimento das demais. O amor é sublime e carrasco, porque não aceita promessas. Mas entregamo-nos as suas juras e incertezas, como se dele extraíssemos o sentido da vida. O amor é impossível? O amor impõe condições? Qual a forma correta de amar?

É com esse ensejo e com o auxílio de teóricos como Sigmund Freud (1915/2016) e Betty Milan (1983) que buscamos analisar as múltiplas faces do amor no conto

Primeiras Vezes (2015), da escritora Natalia Borges Polezzo, com a pretensão de revelar os principais pontos da narrativa que represente o amor sáfico.

1. LER FICÇÃO COM OS OLHOS DA PSICANÁLISE

Abriu-se ao domínio do Inconsciente que é o primeiro e antes de tudo o seu inconsciente, condição essencial para falar do inconsciente dos outros, nem que sejam os dos textos literários.

JEAN BELLEMIN- NOEL

Quando pensamos nas relações estabelecidas entre literatura e psicanálise, delimitamos dois campos de conhecimento exclusivos, distintos e peculiares, embora haja possíveis diálogos, sobre certas premissas. Desde as primeiras formulações freudianas há uma aproximação dos estudos psicanalíticos e as análises literárias. É importante destacarmos a articulação existente entre as possibilidades do reencontro da teoria psicanalítica no texto literário, trocas provenientes das descobertas de um diálogo estabelecido como uma condição de relançamento da escrita através da intertextualidade. Nos textos de Sigmund Freud encontramos as impossibilidades e possibilidades desta relação entre estes dois eixos do conhecimento humano. Todavia, deparamos com alguns impasses iniciais, os pesquisadores e estudiosos que tentam delimitar um espaço e conceito para ambas, pois a psicanálise não é considerada como ciência, e a literatura permanece, em alguns momentos, rodeada de conceitos flexíveis e insolucionáveis.

Mas em que a literatura “instrui” a psicanálise? E o que a psicanálise “explica” a literatura? Para o poeta e o escritor, o seu ofício, é a escrita. É através de um jogo comparável à criança que, em sua dedicação ao brincar, cria seu próprio mundo transpondo as coisas concretas da realidade para uma ordem que mais a agrada, investindo muito afeto. E o poeta e o escritor fazem o mesmo que a criança: reinventam um mundo de fantasia e o tomam com seriedade, mesmo provendo muita afetividade a sua ocupação, conseguem o separar do real. Eles atendem uma demanda de uma expressão, sublimam sua pulsão. E com este desejo de expressão, utilizam as palavras como se estivessem envolvidos em um jogo, fazendo da linguagem e estética literária seus objetos e instrumentos para por seu intermédio, mostrarem-se. Por este motivo, o mestre vienense, Sigmund Freud (1908/1996), alia a prática literária e a escrita ao ato de

brincar de uma criança, pois “os escritores, não menos, já que criam um mundo de fantasias, que por sua vez também é revestido de cargas de emoção elevadas, bem como sabem perfeitamente distinguir o mundo exterior do por eles criado”. Como uma expressão do inconsciente, a literatura estimula a livre associação e o imaginário do leitor. Ela aguça a curiosidade do leitor que, instigado pela leitura de um poema, romance ou demais expressões literárias, buscará os discursos que estarão além, no nível do não dito na escrita. Esta tarefa assemelha-se ao trabalho de um analista, que buscará os significantes das histórias contadas por seus pacientes, apreendendo o que não está no enunciado. Mas a literatura com suas concepções superiores proporciona aos sujeitos uma consciência de sua humanidade. A escrita exerce uma função de “formadora”, enquanto a fala restringe, apenas a informa-nos. Só através de algo como a literatura que o homem questiona sobre si mesmo, seu universo, seu passado histórico e desempenho social e mental. Como afirma Jean Bellemin-Noël (1978), a literatura “deforma-nos necessariamente, já que o que foi escrito nos vem de outro lugar, longe ou perto na ausência e de um outro tempo, de outrora ou de há pouco: nunca daqui e de agora, onde falar é o suficiente”. (p.12)

Desta forma, a relação entre psicanálise e literatura não é algo recente. Pois Sigmund Freud, fundador da psicanálise, desde sua infância apreciava a literatura. Seu meio social permitiu que tivesse acesso aos mais variados autores de seu tempo e antes dele, inclusive com nacionalidades distintas. Com isto, o pai da psicanálise adquiriu sua formação intelectual a partir de autores como, Dostoiévsky, Shakespeare, Schiller, Hoffmann, Goethe, Cervantes e outros contemporâneos de sua época. Na obra de Freud, encontramos várias conexões com estes autores, pois o fascinava como seus textos conseguiam prever e explicar muitas inquietações humanas. Além de utilizar diversas citações para tornar seus textos mais claros, é visível a admiração que sentia em notar a proximidade das narrativas ficcionais a seus conceitos teóricos, desenvolvidos e elaborados na sua desafiante experiência clínica. Destacamos que a relação literatura e psicanálise não se trata de interpretações literárias e muito menos da vida do autor, mas acompanhar as peculiaridades e proximidade entre o trabalho do escritor e analista, pois ambos desejam desvendar a complexidade dos conjuntos de discursos particular do humano, pois “tudo isto se encontra alojado em nós, no nosso pensamento, na nossa linguagem” (NOEL,1978,p.12). Eles buscam os sentidos do imprevisível e

desconhecido, nas paixões, desejos, triunfos, contradições, tentando chegar mais próximos do enigmático e obscuro inconsciente. Já que “os escritores são homens que, escrevendo, falam, sem o saberem, de coisas que literalmente “eles não sabem”. O poema sabe mais que o poeta.” (NOEL,1978, p. 12).

A presença destes autores influenciaram muitos dos estudos teóricos de Freud sobre a formação do sujeito, como por exemplo, o Complexo de Édipo, inspirado na obra sobre o mito do Rei Édipo, de Sófocles. O contato pessoal com a literatura proporcionou a Freud uma base para sua produção a respeito do que se ocupam os escritores na escrita e produção literária. Sendo assim, encaminhou-se em pesquisar as motivações e a capacidade de elaboração do autor para a criação de suas obras, pois compreendia a literatura como “uma linguagem diferente, que não dizia apenas, nem exatamente nem verdadeiramente, o que parecia dizer” (NOEL,1978, p.12). Sem querer, envereda por uma teorização sobre a capacidade criativa literária do autor em suas obras, porque a literatura, como resultado da subjetividade e como meio sublimatório da pulsão, proporciona elementos que constituem uma mensagem com mais de um sentido evidente. Ele sempre admitiu que a arte e a literatura sempre prenunciava e corroborava com as investigações da clínica psicanalítica.

É neste momento que surge uma das linhas de diálogos entre literatura e psicanálise, devido “o fato literário só vive de receptor em si uma parte de inconsciência, ou de inconsciente” (NOEL,1978, p.13). A psicanálise empenha-se a assimilar o excedente fluxo de sentidos que o texto possui, tentando desvendar o interior dos personagens, investigando seus conflitos, paixões e desejos.

A psicanálise apropria-se de referências, extraindo metáforas proporcionando aos literatos um maior aprofundamento para o processo criativo, ou seja, de liberação do inconsciente. As obras literárias oferecem um conjunto essencial para compreender a realidade do homem e seu meio, apresentando discursos que deixam revelar partes do inconsciente. A psicanálise e seus conceitos procuram aprofundar um maior conhecimento do psiquismo humano, através de análises que buscam reconstruir este “inconsciente” e seus efeitos. Desta maneira, a aproximação entre ambas torna-se evidente, pois agem como “instrumentos de interpretação”, funcionando como leituras, já que “literatura e psicanálise “lêem” o homem na sua vivência cotidiana tanto quanto no seu destino histórico” (NOEL,1978, p.13).

Por muito tempo, Freud se dedicou a investigar as diversas manifestações do inconsciente. Nesta perspectiva, ele se preocupou com o desenvolvimento da sexualidade humana, encontrando explicações para o imprevisível e o desconhecido no indivíduo na sociedade, na cultura e no desenvolvimento da psique. Nessa esteira investigativa, inicia seus estudos sobre o desenvolvimento do fenômeno amoroso, afirmando inclusive que bem antes de sua puberdade “já está desenvolvida na criança a capacidade de amar” (FREUD apud RAVANELLO & MARTINEZ, 2013, p.160). Deste modo, Freud possibilita a psicanálise uma abordagem sobre o tema do amor, articulando sexualidade e amor na constituição de sua teoria. No seu texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), o amor dar-se a partir da escolha de objeto. Em *As pulsões e suas vicissitudes* (1915) é exposto segundo as dicotomias e relações com as pulsões. Já em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), Freud apropria-se dos conceitos de identificação e idealização para diferenciar dois tipos de amor, entre outros textos ao longo da constituição de sua teoria. Mesmo que as inquietações dos filósofos, poetas e escritores a respeito da natureza do amor fossem evidentes no enaltecimento em seus versos e frases, em torno do contentamento e da dor de amar. Os estudos desenvolvidos no campo freudiano procuraram evidenciar um olhar mais aguçado sobre os enigmas e fantasias que cingem o amor. Assim, Freud tornou o tema amoroso relevante para sua teoria psicanalítica. Sua preocupação com o tema é demonstrado significativamente em seus textos. Ele estende a diferentes campos da natureza humana, um assunto em que a literatura exerceu forte influência.

Neste cenário, o conceito de amor, na teoria freudiana, circunscreve-se próximo de conceitos como gozo, desejo, pulsão, sexualidade, libido, afeto e outros. O mito do amor ainda é conservado. Um exemplo é o grande sucesso das telenovelas que seguem a estrutura clássica do folhetim romanescos: lamentações, incidentes e final feliz. O amor estimula a busca pela verdade (conhecimento) mais que qualquer outra coisa. Em seus seminários, Lacan defendia a estreita conexão entre amor e verdade, explicando que, entre ambos, existe uma estrutura de ficção, ou seja, são elementos que possuem a função de erguer um muro diante dos enigmas sem solução. Por isso, o amor apresenta-se na figura do enigmático e indecifrável sentimento.

2. OS TRANSBORDAMENTOS DO EN(AMOR)AMENTO SÁFICO

A literatura homoerótica nunca foi considerada vertente literária, por muito tempo, relegada a um material inferior e de conteúdo “underground”. No Brasil, inúmeros autores abordaram a temática em suas obras, tais como: Adolfo Caminha (1985), Guimarães Rosa (1956), Lya Luft (1980), Lygia Fagundes Telles (1973), João Silvério Trevisan (1986), Caio Fernando Abreu (1982), entre outros. Todavia, a maior escritora sobre o tema, é a escritora Cassandra Rios (1948), devido sua dedicação à exposição de uma narrativa que priorizava o amor entre mulheres. A literatura lésbica contemporânea brasileira apresenta-se como uma estratégica retórica para subverter os regimes impostos à identidade e sexualidade feminina.

Nesse contexto, a coletânea de contos *AMORA* (2015), da autora Natalia Borges Polessio, pode apresentar um deslocamento dos conceitos apreoados ao amor. O título escolhido para obra remete-nos a uma maneira de amar específica, a palavra “a” no final da palavra “amor” dá a possibilidade de um feminilizar do sentimento amoroso. E a palavra *amora* é o feminino do substantivo amor. O livro é dividido em duas partes: *Grandes e Sumarentas e Pequenas e Ácidas*. São 33 contos que versam sobre o amor, paixão, descobrimento e o extraordinário estupor das descobertas.

Examinaremos o conto *Primeiras Vezes*. O texto gira em torno do autodescobrimento e paixão entre o personagem-narrador e sua amiga Letícia. O narrador projeta-se em primeira pessoa e não se apresenta com um nome próprio, deixando resquícios ao longo do enredo que é do sexo feminino. A narradora do conto inicia abordando sua insatisfação com a cobrança em torno da sua virgindade, pois então *não aguentava mais aquilo de ser virgem. Dezesete anos e parecia um pecado*. (p.14). Não conseguia mais diferenciar a verdade dos fatos, em razão de tanto recitar a mentira da sua primeira vez às amigas. E o fato de ainda ser virgem a atormentava, pois cada dia que passava acrescentava dados aleatórios a sua mentira.

A intensidade de todo seu movimento desejante entrelaça o erotismo, interdição e transgressão, porque a narradora vê todo o seu ambiente de rebeldia adolescente como um espaço para quebra de leis e regras. Ela permitia-se faltar às aulas, visitar os bares ao redor do colégio e à experiência com drogas lícitas e ilícitas. Como indica, com concisa precisão:

Três bares nos arredores da escola: 1) boteco sinistro onde péssimas bandas faziam covers igualmente péssimos com instrumentos desafinados, bebia-se catuaba, porque era barato e era o que tinha, a mistura de catuaba e fanta uva tinha se estabelecido como a nova moda, havia a certeza de que ali começaria a degradação do fígado daquela geração; 2) bar de skatista onde se vendia cerveja por preço razoável e todos os tons de licor bols, consumiam-se drogas ilícitas diante dos olhos de todos, sendo que maconha era a mais comum – ela não, não gostava de drogas ilícitas até então; 3) conveniência do posto onde se comprava um combo de litro de vodca barriga mole mais coca-cola e se podia usufruir das instalações do local, leia-se área coberta, banheiros imundos e mureta de tijolos atrás do lava jato. Resultado: bares cheios, escola vazia. (POLESSO, 2015, p. 15)

Nesse ambiente aberto a paradoxos, aceitação de indiferenças e contrariedades conhece Letícia. Sua amiga a convida para fumarem nos fundos de um bar, e *ela não fumava. ela não gostava de cigarro.* (p.15) Verificamos seu impulso para impressionar Letícia, a fez prova do cigarro que detestava. Percebemos que o sentimento passional domina o amante a ponto de não mais conseguir ser dono do seu próprio desejo, já que o seu próprio desejo se realiza no do outro. A psicanalista Betty Millan (1983) diz “no ser do amado realiza-se o do amante que sem aquele ficaria despojado de si mesmo e não quer pois separar, reconhece no desejo do outro o próprio e já não hesita em ceder” (p. 16).

Ela namorava Luís Augusto, e admitia que *o que sentia por ele era inversamente proporcional à sua nota em física. era ruim em física. era boa em gostar dele.* (p.16) No *Dicionário de Psicanálise*, de Roland Chemama, o amor é definido como um “sentimento de afeição de um ser por outro, às vezes profundo, violento mesmo, mas sobre o qual a análise mostra que pode ser marcado pela ambivalência e, sobretudo, que não exclui o narcisismo”. Ou seja, ama-se uma imagem idealizada de si, no caso da narradora e Luís Augusto acontece o contrário já que não vê nada de si nele.

No texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), o amor é colocado como pretextos para melhor compreensão sobre o narcisismo. O amor é denominado como um reaparecimento das relações primárias do sujeito infantil, sendo uma forma de reviver as impressões outrora vivenciadas. Através de uma perspectiva econômica sobre o fenômeno amoroso, Freud (1914) postula que há um empobrecimento do ego no estado da paixão, em consequência do transbordamento excessivo de energia do objeto. Na narrativa, assinalamos a submissão da narradora diante do seu objeto amado, Letícia, uma vez que nota nela parte de si mesma. Em consequência disso, compartilha todos os seus segredos a Letícia, inclusive “o assunto nunca tocado” (p.16).

Há um investimento libidinal no seu objeto amado (Letícia), e, com isso, entendemos que *amar verdadeiramente alguém é acreditar que ao amá-lo, alcançará uma verdade sobre si. amamos aquele que conserva a resposta, à nossa questão: quem sou eu?* (MILLER, 2008, p.3) O psicanalista lacaniano, Jacques-Alain Miller (2008), explica que, quando estamos apaixonados por alguém, inconscientemente o que mais desejamos é ter mais conhecimento de quem nós somos. Desta maneira, constatamos a ocorrência de processos identificatórios ao estarmos enamorados por alguém. Reconhecemos partes de nós no outro, visto que acreditamos que o outro seja igual a nós. Projetamos no outro aquilo que gostaríamos de ser, ou ter sido. É aquilo que nos falta e que temos a esperança que o outro possa nos completar.

No livro *A paixão silenciosa*, a psicanalista Maria Helena Barros e Silva (2002) diz:

O apaixonado projeta, no objeto de sua paixão amorosa, o ego ideal, forjado segundo o modelo onipotente do narcisismo infantil. O trágico, porém, é que esta onipotência ilusória do apaixonado não é mais do que uma defesa, criada para protegê-lo contra a angústia do desamparo e contra o fracasso, por ele vivido, na constituição de um narcisismo de base, capaz de oferecer-lhe o suporte de sua autoestima, de sua autoconfiança e de sua abertura para as escolhas que serão feitas na vida. Sem esta abertura para alteridade, o que lhe resta é a experiência da eterna repetição do mesmo e do medo das diferenças numa relação dual e fusional, na qual sujeito e objetos são apenas um, fechados numa díade sem abertura para a alteridade. (SILVA, 2002, p. 13)

Ou seja, os objetos de investimentos sexuais da criança são provenientes de suas primeiras experiências de satisfação, fundamentadas sobre as funções vitais. Essas experiências de satisfação se dão com a mãe, ou com aquele que se responsabiliza pela criança, que a alimenta e protege. Para Freud (1914), as escolhas amorosas posteriores têm sua gênese nesses primeiros objetos de investimentos sexuais da criança, criando a matriz que moldará todas as relações afetivas do sujeito. Há duas escolhas dos objetos amorosos: a narcisista e a anaclítica. Segundo o tipo narcísico, na escolha de objeto, o objeto amoroso é o próprio eu. Em contrapartida, o modelo anaclítico, ou de apoio, os objetos serão escolhidos mediante a satisfação das necessidades vitais, isto é, amamos se somos cuidados, alimentados ou protegidos. No conto, a narradora permanece na ambivalência das duas escolhas de objeto, dado que sua relação com Letícia possui tanto um enaltecimento do objeto quanto uma sensação de acolhimento e proteção.

No trecho abaixo a narradora apresenta sua relação com Letícia como sendo um sentimento de libertação, desejo, acolhimento e identificação.

Oito sextas-feiras antes daquela em que conhecera Luís Augusto Marcelo Dias Prado, estivera com Letícia, sua colega fumante, e, meio bêbadas no sofá da casa dela, comentaram sobre Mandala, a bichinha do terceiro ano; e depois sobre o lugar em que ela fazia shows; e depois sobre a possibilidade de um dia ir até lá; e depois sobre a explosão das lésbicas da novela no shopping; e depois sobre como o mundo era bizarro; e depois sobre como não podiam controlar seus sentimentos; e depois sobre como ela tinha vontade de beijar a boca vermelha de Letícia; e depois sobre como Letícia gostaria que aquilo acontecesse desde que Vitor estivesse junto; e depois sobre como precisava estudar um pouco mais para prova de física. Aquilo tinha se enraizado intensamente nas suas sensações diárias. (POLESSO, 2015, p. 16)

Na narrativa, a personagem-narradora compartilha suas primeiras experiências sexuais. São momentos em sua vida bastante peculiares. A primeira relação relatada é com seu namorado Luís Augusto sendo descrita com indiscutível dissabor. Vejamos:

A calcinha dela era bordô. Não comeram batata frita. Ela nem teve tempo de tirar o sutiã. Tudo já tinha acabado. Concluiu que todo o antes tinha sido melhor do que o durante. Depois foi até o banheiro e notou que tinha a mesma cara virgem. Uns cabelos pretos escorridos para trás das orelhas, nada de maquiagem, ombros pontudos de tão magros, um pouco de sangue entre as coxas. Saiu do banheiro gostando muito mais de física do que antes e pediu para ir embora. (POLESSO, 2015, p. 17)

Indiscutivelmente, seu desejo de “provar” sua sexualidade no padrão heterossexual não propicia prazer, uma vez que sente que seu gozo não foi nem parcialmente satisfeito. Comparando a sua experiência com o namorado a algo frígido, insípido e sem transitoriedades em sua rotina, e até enfatizou que passou a apreciar a física já que parecia ser mais empolgante do que o sexo com Luís Augusto. Ela compartilha com Letícia a decepção de sua primeira vez, e por sua vez confessou todos os desejos que sentia pela amiga. Porém, Letícia não quis tocar no assunto. Sua amiga é sua igual, a única capaz de entendê-la. Vemos, aqui, mais uma vez uma faceta do sentimento amoroso. Dado que *de dois fazer um, desejo do amor que precisa suprimir a diferença, igualar os amantes. Se o outro não se assemelha a mim, se eu nele não reconhecesse a minha imagem, não o amaria. O amor é narcísico na sua essência.* (MILAN, 1983, p.15)

Por outro lado, a sua primeira experiência sexual lésbica dividida com Letícia mostra-se como sua primeira vez. Já que o momento encarregou de desprender as expectativas, seguindo os atropelos comuns a primeiros momentos. O sentimento é a mestra chave para a fricção dos seus corpos, dedos, lábios, línguas e afagos. E elas se entregam a um começo, a um início de muitos outros em suas vidas.

Letícia sacudi alguma coisa na frente de seus olhos. Era uma chave. No chaveiro estava escrito *Voyage verde musgo*. Encontraram. Letícia abriu a porta e foi para o banco de trás. Ela seguiu, procurando não ser enganada por uma expectativa que seria apenas sua. Não tinham carro nem idade para dirigir. O *Voyage* não tinha rádio, portanto não tocava *4 Non Blondes*. A calcinha de Letícia era roxa e tinha renda, a dela era cinza e o algodão estava esgarçado para além dos limites do bom senso. Nenhuma das duas teve tempo de tirar o sutiã. Foi tudo desajeitado, como são geralmente as primeiras vezes. Cheias de dentes que batem e movimentos de desencaixe. (POLESSO, 2015, p. 19)

A descoberta do inconsciente possibilitou aos sujeitos a condição de impor sua subjetividade, pois sabemos que ninguém vivencia o amor da mesma maneira. Por essa razão, as personagens do conto *Primeiras Vezes*, em meio a toda transitoriedade da vida, encontram a chave de encaixe para o autodescobrimento de amar e sentir prazer. Uma vê na outra, a capacidade de ser ouvida e sentida *diga-me o quanto você é capaz de escutar e eu direi o quanto você é capaz de ser amado* (MILAN, 1983, p.18).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de a psicanálise ser criada por Sigmund Freud, os filósofos se perguntavam sobre a gênese do sentimento amoroso. Os escritores criavam histórias trágicas e de amor, e os poetas enalteciam, em seus versos, a coragem, desilusão e desejos dos amantes. Contudo, ao longo dos séculos, o sentimento amoroso adquiriu as imposições fixas impostas pelas ideologias de cada época, que o limitou, em suma, a casais heterossexuais que perpetuassem filhos para sustentar o materialismo. Mas, como definir o que se impõe como enigma? Então, o sentimento amoroso possui suas variantes, jamais se orientando por leis prefixadas.

O amor nos faz ver o mundo com olhos de criança desejosos de descobrimento e surpresa de viver. Por conseguinte, amar é permitido a todos aqueles que se autorizem surpreender. Jacques Lacan diz “amar é desejar ser amado, e que o amor é sempre recíproco”, o que ele ensina é que sempre existiria algo no outro que desperte a paixão amorosa em mim, algo com o qual eu me identifico, mas que é proveniente desse outro. Porquanto para amarmos, é necessário reconhecermos em nós nossa falta, sempre nos falta “alguma coisa”, inclusive a verdade sobre nós mesmos. De modo algum, é impossível amar e não ter de experimentar a ambivalência do amor e ódio, os desencontros, devaneios e desilusões a que estão expostos os enamorados. Que os amantes continuem na busca da chave para sair do labirinto do amor.

Consequentemente, faz-se necessário abordagens sobre a temática amorosa, principalmente no que tange às relações homossexuais.

REFERÊNCIAS

- ALLOUCH, Jean. *O amor Lacan*. Tradução Procópio Abreu. Rio de Janeiro. Companhia de Freud. 2010.
- BELLEMIN-NÖEL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- CHEMAMA, Roland; VANDERMERSCH, Bernard. *Dicionário de Psicanálise*. São Leopoldo, RS. Ed. UNISINOS. 2007.
- FREUD, Sigmund. *Sobre o Narcisismo: uma introdução*. In: Freud, S. Obras Completas, V. 14. Rio de Janeiro. Imago. 1974.
- MILAN, Betty. *O que é o amor*. São Paulo. Círculo do Livro. 1983.
- POLESSO, Natália Borges. *Amora*. Porto Alegre. Não Editora. 2015.
- QUINET, Antônio; Jorge, Marco Antônio Coutinho. *As Homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo. Segmento Farma. 2013.
- SILVA, Maria Helena C. de Araújo de Barros e. *A paixão silenciosa: uma leitura psicanalítica sobre as paixões amorosas*. São Paulo. Escuta. 2002.
- WAAR, Hanna. *Psychologies Magazine*. Outubro, 2008. v278.